

MERCADO DO LEITE APÓS LIBERAÇÃO

Sebastião Teixeira Gomes¹

Após a saída do governo do controle do preço do leite, no final de 91, pode-se identificar quatro tendências do mercado, sendo duas novas e duas já antigas. As novas tendências do mercado do leite são: crescimento significativo do leite longa vida (UHP) e grande variação do preço do leite nos períodos de safra e entressafra. As antigas tendências, que permaneceram nos dois últimos anos, são: concentração da comercialização do leite e maciças importações de produtos lácteos. A análise apresentada, a seguir, cuida destes quatro aspectos do mercado do leite do Brasil.

Em 1989 o consumo médio diário do leite longa vida, no Brasil, foi 250 mil litros. Em 1993 o consumo previsto é de 1,5 milhões de litros/dia e, a estimativa para 94 é 2,5 milhões/dia. Em apenas cinco anos o consumo do leite longa vida cresceu novecentos por cento. O mercado está de tal modo agressivo que é possível encontrar nos pontos de venda, leite longa vida procedente de até 3000 km de distância, com preço mais barato que o do leite tipo C da própria região.

O leite longa vida, com duração de até 4 meses, tem substituído, com vantagens, o processo de transformar o leite fluído em pó e, posteriormente, em fluído novamente. As vantagens são as seguintes: a) A fábrica de leite em pó deve operar, por razões econômicas, com elevada escala de produção. O tamanho mínimo recomendado para uma fábrica de leite em pó é 200 mil litros/dia. Para o leite longa vida o tamanho mínimo é 4 mil litros/hora ou 50 mil litros/dia; b) O custo de industrialização do leite longa vida é menor que o do leite em pó e, c) O sabor do longa vida é melhor que o do reconstituído, para a maioria das pessoas.

A segunda tendência do mercado a ser examinada diz respeito a grande variação do preço do leite entre os períodos de safra (águas) e de entressafra (seca). Tal diferença não teria maior importância se ela fosse em relação aos preços do leite-cota e leite-excesso.

¹ Professor da UFV e consultor da EMBRAPA. Escrito em 01/12/93.

Acontece que ela é em relação ao leite-cota. Em 1992, o preço médio do leite-cota no período da seca foi 20% maior que o do período das águas. Em 1993 esta diferença foi 28%.

As grandes indústrias de laticínios tem praticado uma política de, na safra, reduzir o preço do leite-cota e elevar o preço do leite-excesso, deixando pequena diferença entre eles. Em outras palavras, estão desmoralizando a idéia de preços diferenciados para o leite-cota e excesso. Permanece apenas a diferenciação entre os preços de leite consumo e indústria. A permanecer esta tendência, deve aumentar sazonalidade da produção de leite, para a alegria do produtor safrista e da indústria, que importa leite em pó subsidiado na entressafra e compra matéria prima barata na safra.

Entretanto, este comportamento do mercado é um desastre para os autênticos produtores de leite, que buscam aumentos da produtividade e redução da sazonalidade da produção. É pouco provável que se possa combinar modernização da pecuária leiteira com aumento da sazonalidade da produção. Diante desta realidade, papel importante cabe a cooperativa, como unidade que deve representar os interesses comerciais dos produtores. A cooperativa deve valorizar a cota, como instrumento de modernização da pecuária leiteira.

A primeira das antigas tendências do mercado, que se aprofundou nos dois últimos anos, foi a concentração da comercialização do leite. O prolongamento da recessão econômica provocou forte crise na indústria de laticínios, especialmente, entre as de pequeno porte. Por outro lado, a tentativa de redução de custos, via maior escala de processamento, e a ampliação da linha de produtos foram os argumentos básicos para os grandes laticínios ampliarem, ainda mais, seus tamanhos. A consequência natural deste processo é o maior poder de barganha dos laticínios que cresceram a escala de produção.

A última tendência a ser examinada diz respeito as já antigas importações de derivados do leite, muitas vezes subsidiadas no país de origem, causando forte dano a pecuária nacional. Em 1993 foram importadas, aproximadamente, 50 mil toneladas de leite em pó. Em alguns casos o leite importado chegou na plataforma da usina com preço equivalente a US\$ 0,16/litro (não incluindo ICMS). No Brasil, praticamente, não existe sistema de produção que pode competir com aquele preço, por mais eficiente que ele seja.

Não se pode negar que a produção nacional, atualmente, é insuficiente para atender a reprimida demanda do mercado doméstico. Isto significa que a importação é inevitável. O

que se questiona não é a importação de leite em pó, de queijo ou de manteiga, mas, sim a importação de subsídios, que desarticulam a pecuária nacional.

Finalmente, um alerta: nos próximos anos a principal bandeira do produtor de leite deve ser em relação ao mercado internacional, inclusive o Mercosul. Questões sobre imposto de importação, imposto compensatório e tarifa externa comum no Mercosul são da maior importância para o futuro da pecuária leiteira nacional.